"QUE COR ESSE/A PERSONAGEM TEM?": FABULAÇÕES SOBRE COTIDIANOS RACIALIZADOS

"WHAT COLOR DOES THIS CHARACTER HAVE?": FABLES ABOUT RACIALIZED DAILY

Leonardo Régis de Paula[1]
[https://orcid.org/0000-0001-5611-2050]

Luis Artur Costa[2]
[https://orcid.org/0000-0001-6110-7512]

Luciana Rodrigues[3]
[https://orcid.org/0000-0003-0061-1402]
DOI: 10.30612/raido.v15i37.14467

RESUMO: Este artigo apresenta a produção de narrativas-dispositivo que trabalha o sobre o campo das relações raciais brasileiras com o objetivo de provocar deslocamentos não apenas em nosso olhar, mas em nosso campo de possibilidades de afetar e ser afetado frente aos aprisionamentos que o imaginário da branquitude e suas operações racistas nos impõem. O percurso metodológico baseado nas fabulações de cotidianos racializados demonstra a riqueza dos trabalhos de pesquisa que constroem a produção de conhecimento a partir de atravessamentos que modulam a escrita acadêmica, apostando no diálogo da descolonização da ciência. Desta forma, acreditamos que este trabalho contribua na construção de uma sociedade mais democrática, igualitária e antirracista, a partir do que chamamos de justiça social.

Palavras-chave: Raça; Racismo; Ficção; Psicologia Social; Fabulação.

ABSTRACT: This article presents the production of device-narratives that work on the field of Brazilian racial relations with the aim of causing dislocations not only in our gaze, but in our field of possibilities of affecting and being affected in the face of the imprisonments that the imaginary of whiteness and their racist operations impose on us.

1 Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), campus saúde. Mestrando pelo pelo Programa de Pós-graduação em Psicologia Social e Institucional da UFRGS (PPGPSI). Email: leonardoreggis@gmail.com

2 Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), campus saúde. Mestre pelo Programa de Pós-graduação em Psicologia Social e Institucional da UFRGS (PPGPSI) e Doutor pelo Programa de Pós-graduação em Informática na Educação UFRGS (PPGIE). Docente adjunto do Departamento de Psicologia Social e Institucional e do Programa de Pós-graduação em Psicologia Social e Institucional (PPGPSI) no Instituto de Psicologia UFRGS. Email: Larturcosta@gmail.com

3 Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), campus saúde. Mestre e Doutora pelo Programa de Pós-graduação em Psicologia Social e Institucional da UFRGS (PPGPSI). Docente adjunta do Departamento de Psicologia Social e Institucional e do Programa de Pós-graduação em Psicologia Social e Institucional (PPGPSI) no Instituto de Psicologia UFRGS.

CC BY NC SA

The methodological path based on fabulations of racialized everyday life demonstrates the wealth of research works that build the production of knowledge from crossings that modulate academic writing, betting on the dialogue of decolonization of science. In this way, we believe that this work will contribute to the construction of a more democratic, egalitarian and anti-racist society, based on what we call social justice.

Keywords: Race; Racism; Fiction; Social Psychology; Fabulation.

INTRODUÇÃO

Segundo Chinua Achebe (2012), a literatura africana se inscreve em uma tradição pela qual se afirma uma ética diante da experiência em uma política do narrar que não se afirma pela negação do ocorrido. A partir das políticas narrativas afirmadas pelos Igbos na celebração do Mbari, Achebe nos descreve uma prática de cuidado clínico-político pela qual o coletivo mantém viva sua memória no presente sem operar negações diante da complexidade cruel dos acontecimentos, de modo que os eventos possam se encaixar nos sonhos de cada um. Deste modo, mesmo experiências trágicas vivenciadas pelo coletivo devem ter lugar em sua celebração, pois, do contrário, se optassem por negá-las, os Igbos sabem que tais eventos os adoeceriam desde o exílio neste apagamento forçado. Mesmo a memória das invasões do colonizador, deste modo, possuem espaço na narrativa do Mbari. No entanto, como bem pontua Achebe, tal celebração não incorre em uma comemoração de tais fatos como se fossem bem-vindos: "Para eles, celebrar é reconhecer uma presença, não é lhe dar boas-vindas. (...) Assim sendo, a celebração do Mbari não era a adoção cega de um mundo perfeito, nem mesmo de um mundo bom" (ACHEBE, 2012, p. 114). Esta relevância do narrar como uma tecnologia clínico-política para promoção da saúde dos coletivos não é exclusiva dos Igbos, sendo encontrada em toda tradição dos Djélis (PESSOA, 2019; SANTOS, 2015) e Griôs (SANTOS, 2015; SILVA, 2013; SILVA, 2014): a arte de narrar é uma forma de intervenção sobre as formas do vivermos juntos/as, evitando os adoecimentos coletivos e suas consequências.

A literatura africana em diáspora parece também dialogar com esta ética afirmada pelos Igbo, pois vemos muitas vezes nesta a presença da experiência avassaladora da violência colonial. A própria noção de escrevivência, erigida pela pensadora e literata Conceição Evaristo, nos aponta nesta concepção de uma política narrativa que enfrenta os fatos, pois é o próprio narrar uma forma de luta e elaboração do vivido. Em um trecho de *Quarto de Despejo* (2014), de Maria Carolina de Jesus, encontramos mais uma vez a potência do narrar como forma de luta contra as violências moderno-coloniais: "Um sapateiro perguntou-me se o meu livro é comunista. Respondi-lhe que é realista. Ele disse-me que não é aconselhável escrever a realidade" (JESUS, 2014, p. 108). Na literatura, nas artes plásticas, dramáticas, musicais, performáticas, etc., encontramos esse gesto de resistência pela criação no qual luta, alegria e estética se articulam para fazer frente às violências racistas (SODRÉ, 2002), inclusive às violências oriundas do próprio gesto de negação da branquitude colonial diante dos modos de existência vindos da África e que vicejaram no continente americano.

Lélia Gonzalez (2020) nos fala de um adoecimento coletivo próprio da branquitude: a neurose cultural brasileira: "E se a gente detém o olhar em determinados aspectos da cultura brasileira a gente saca que em suas manifestações mais ou menos conscientes ela oculta, revelando, as marcas da africanidade que a constituem"

(GONZALEZ, 2020a, p. 78). Nesta neurose, a negação se dá por violências das mais diversas em apagamentos simbólicos e genocídios concretos, "Enquanto denegação de nossa ladino-amefricanidade, o racismo 'à brasileira' se volta justamente contra aqueles que são o testemunho vivo da mesma (os negros), ao mesmo tempo que diz não o fazer ('demoracia racial' brasileira)" (GONZALEZ, 2020b, p. 127). Em outros momentos, tal negação se dá por um regime de visibilidade exotificante e/ ou estigmatizante: "(...) isso é encoberto pelo véu ideológico do branqueamento, é recalcado por formações eurocêntricas do tipo 'cultura popular', 'folclore nacional', etc. que minimizam a importância da contribuição negra" (GONZALEZ, 2020b, p. 128). Vemos, assim, que a branquitude nacional se instaura em uma negação de si e do "outro" pelo esquecimento, silenciamento, assassinato, etc.: negação embranquecedora que denega a herança africana em nossa cultura "que a boçalidade europeizante faz de tudo para esconder" (GONZALEZ, 2020a, p. 88), negação "universalizante" que apaga a posicionalidade eurocentrada e, por fim, negação que instaura um regime alterocida (MBEMBE, 2018). Ao contrário dos Igbos, a política narrativa colonial é constituída por uma negação de si mesma e da própria história, a qual constitui, por sua feita, negações outras muitas: a branquitude instaura-se pela negação de sua própria existência concreta enquanto lugar parcial ao insistir em "universalizar-se". Nega, assim também, a violência que perpetra para manter os privilégios de tal posição ao denominar tais ignomínias por alcunhas como "processo civilizatório" ou "progresso" e, para isso, nega o direito e a possibilidade de existência para além dos seus esquadros racistas, misóginos, cisheteronormativos, classistas e capacitistas. Em diálogo com Maria Aparecida Silva Bento, podemos visibilizar tal política narrativa colonial como sendo constituinte de uma existência narcísico-ressentida (BENTO, 2002) na qual, além de absolutizar o próprio modo de ser e torná-lo centro, régua e juiz do universo, para garantir a manutenção de tal "pacto narcísico" a branquitude precisa negar suas violências coloniais por meio da projeção destas em todas e todos que escapam do seu espelho eurocentrado: cerca-se, então, um espaço da "outridade" (KILOMBA, 2019a) que é objetificado, exotificado e aniquilado (MBEMBE, 2018).

Poderia ser a literatura firmada na tradição das escrivivências, dos Djélis e Griôs, uma tecnologia clínico-política para intervir sobre a posição narcísico-ressentida da branquitude de modo a deslocar sua neurose cultural racista? As palavras de Conceição Evaristo parecem nos apontar um caminho: "Nós não escrevemos para adormecer os da casa-grande, pelo contrário, é para acordá-los dos seus sonos injustos" (EVARISTO, 2017, s/p). Acordar a branquitude dos seus sonhos injustos poderia ser similar a deslocar seu processo de negação da sua parcialidade e das violências por ela perpetrada para, quem sabe, dar início a um processo que possa iniciar outro, tal como nos prescreve Grada Kilomba (2019a), promovendo práticas de reparação às muitas violações até hoje executadas.

Acreditamos na potência estética para promover tais deslocamentos políticos e, por isso, propomos um dispositivo literário para promover intervenções nos modos de ser, viver, sentir e pensar da branquitude de modo que ela possa aperceber-se de sua própria existência e das violências do racismo estrutural por ela constantemente reiterado. A invisibilidade é a principal forma de adquirir invencibilidade (DELEUZE; GUATTARI, 1997), deste modo, enquanto a branquitude conseguir negar sua existência e suas violências racistas, ela se torna inatingível a qualquer intervenção que

Raído, Dourados, MS | ISSN 1984-4018 | v. 15 | n. 37 | p. 258 – 275 | jan/abr 2021

busque reparação. Dizem que Baudelaire escreveu certa feita que a maior astúcia do diabo teria sido convencernos de que ele não existe. Certamente a branquitude e seu racismo operam de um modo muito similar em nosso país, fazendo com que políticas narrativas que promovam a concretude da experiência tanto da branquitude quanto de seu imaginário-sensibilidade racista são essenciais para que possamos tensionar tais lógicas moderno-colonais que assolam nossas constituições coletivas como já nos demonstraram tantas pensadoras e pensadores (FANON, 2008; GONZALEZ, 2020; BENTO, 2002; KILOMBA, 2019; MBEMBE, 2018).

1. RACHADURAS NA CIÊNCIA

A vertente ficcional-poética da psicologia se fortalece em especial quando atentamos para ela como ciência aplicada, ou seja, implicada em refletir sobre a ético-estética que afirma em suas teorias e intervenções: que estilísticas da existência, que modos de vivermos juntes, nossos conceitos e práticas articulam? O rigor da ciência, a atenção ao campo dos encontros, das afetações e experiências, ao estético, somados ao questionamento ético-político constante de sua práxis, fazem da psicologia um território fértil para a experimentação artística como ferramenta voltada para a transformação do que somos capazes de dizer, ver, fazer e falar. Arte, psicologia e política se encontram aqui em um labor ficcional voltado a produzir deslocamentos nos modos como vivemos o mundo: mais do que representar emoções ou situações, interessa-nos provocá-las (ARTAUD, 2006). Assim, psicologia e dramaturgia se encontram aqui na produção de um dispositivo que tensione nosso plano de experiências possíveis, apostando em uma psicologia antirracista que, como campo de produção de conhecimento, práticas e intervenções, esteja pactuada com processos de transformação social.

O encontro entre dramatização e psicologia social se dá aqui em uma operação social que se aproxima e difere do papel da ficção no Teatro da Crueldade de Artaud (2006), no Teatro Fórum de Augusto Boal (1991), no Teatro Experimental do Negro (2004) de Abdias do Nascimento: provocar, deslocar, transformar micropoliticamente nossos coletivos. Em específico, o trabalho aqui desenvolvido agencia a psicologia social e o teatro pela ficção como metodologia, com o objetivo de abrir nossa dramatização clínico-política para a explicitação das condições de possibilidade delimitadas pelo racismo estrutural e institucional nas práticas micropolítica de nossa sociedade (ALMEIDA, 2019).

Como um campo-problema da psicologia, a Psicologia Social com a qual trabalhamos tem como horizonte a problematização dos conhecimentos e práticas que seguem obedecendo a lógica de um projeto moderno-colonial, cujas produções são naturalizadas em nosso fazer cotidiano - como a hegemonia da centralização e universalização dos parâmetros da branquitude como fundamento para as leituras, análises e intervenções das práticas psis na sociedade brasileira. Nesse sentido, é necessário que possamos compreender que, além do campo da psicologia ter se consolidado em meio às demandas modernas para regulação dos corpos e dos modos de se estar no mundo (ROSE, 2008), ele obedece a lógicas de um projeto colonial que estrutura a produção de conhecimento nas academias ocidentais a partir de bases sexistas, genocidas e epistemicidas (GROSFOGUEL, 2016), que estabelecem como parâmetro de normalização dos sujeitos um modelo eurocentrado de humanidade: o homem branco, cisheteronormativo, cristão, patriarcal, capitalista.

CC BY NC SA

A psicologia social, principalmente em sua vertente ficcional, abdica parcialmente do espaço de autoridade da ciência (em seu poder de constituir evidências e prover certezas), dando espaço para a fragilidade e dúvida como pontos de partida (perspectiva assumida) e chegada (objetivos de sua maneira de promover, com cuidado, outras formas de vivermos juntes e de experienciar o mundo político ético-estético das afetações produzidas clínico-politicamente). Experimentação que aposta no deslocamento de olhares e perspectivas já naturalizadas nas relações do dia-a-dia e na potência de enxergar o social como um campo problemático pleno de tensões, que estão mais focadas em transformar o modo como sentimos o mundo do que em somente mudar os conceitos com os quais trabalhamos tensões sensíveis pelas quais construímos nossa dramaturgia coletiva cotidiana: assumindo o caráter performático[4] do social e nosso labor clínico-artístico-político de constantemente intervir nesta obra em processo, pois "o social é essencialmente um objeto construído e produzido a partir de diferentes práticas humanas e que não cessa de se transformar ao longo do tempo" (SILVA, 2004, p. 13). Desta forma, a Psicologia Social da qual partimos não representa um campo de saber que se debruça na socialização, ou até mesmo a interação dos indivíduos na sociedade, como o nome pode sugerir, mas um campo que "assume importância crucial, na medida em que as problematizações postas diante de acontecimentos já naturalizados produzem deslocamentos por vezes desconcertantes, que abrem possibilidades de sentido, ações e modos de vida antes impensáveis" (DIEHL; MARASCHIN; TITTONI, 2006, p. 410).

Neste sentido, a Psicologia Social tem contado com ferramentas teórico-metodológicas que articulam, a partir da problematização de nossas práticas no mundo, formas potentes de desestabilizar crenças que se tornaram, com o passar do tempo, verdades cristalizadas na nossa sociedade, influenciando significativamente a solidificação de hierarquias e opressões sociais, como a hierarquização racial que sustenta as desigualdades sociais e a manutenção do racismo estrutural brasileiro. Dentre essas ferramentas, o uso da ficção neste campo tem produzido uma Psicologia Social menos afeita a classificações categoriais, medidas objetivas e descrições precisas que dão passagem a problematizações anteriormente impossibilitadas pelas normatizações e durezas do saber formalizado da ciência estrita (COSTA, 2014). A ficção surge como uma desobediência epistêmica (KILOMBA, 2016) que transgride um fazer acadêmico imposto por saberes hegemônicos do que é considerado produção de conhecimento. Ou seja, uma outra forma de ver e fazer análises que "não se pode dizer que esse conhecimento é baseado sobre fatos, nem que resulta em verdade, e por isso temos de referir a este conhecimento como fictício ou ficcional" (ALBUQUERQUE; PALAZUELOS; TREVIZANI, 2017, p. 96). Entretanto é a partir dela que colocamos em intercâmbio a escrita e a imaginação; o absurdo e o real; verdadeiro e falso; que "fia mundos onde a confiança ultrapassa a fidedignidade sem perder realidade" (COSTA, 2014, p. 553).

Neste contexto, a figuração dos/das personagens tem um papel importante nessa trama: organizam uma possibilidade de experiência de si e de outros/as que pode

4 Partindo de uma ontologia da ação (que dissolve a cisão entre corpo e alma, infra e superestrutura, natureza e cultura), percebemos que cada um de nós e dos nossos coletivos somos todos/as conjuntos de (rel)ações em diferentes arranjos que afirmam certos modos de vivermos juntos/as, de desejarmos, de sentirmos, de pensarmos, ou seja, diferentes formas do social.

Raído, Dourados, MS | ISSN 1984-4018 | v. 15 | n. 37 | p. 258 – 275 | jan/abr 2021

tornar nítidos nossos regimes racistas de especulação sobre o mundo a partir do imaginário da branquitude e suas imagens de controle. Personagens que se apresentam como corpos concretos na experiência da leitura, incrementando sua potência de afetação sensível[5] no deslocamento dos nossos modos de existir e sentir ao mundo: corpos da escrita presentes no texto como campos de possibilidade de afetar e ser afetado/a. Os/as personagens mergulham nas histórias trazendo em forma de narrativa um retrato do que muitas vezes a "ciência" perde em força na tentativa de criar uma pesquisa baseada na neutralidade e na generalização, isenta de demarcações políticas da escrita e formas de ver o mundo. Garantir a escuta do que escrevemos passa pelo ato de planejar o impacto sensível, ou seja, o quanto a concretude sensível da palavra como experiência é capaz de transformar nossa própria forma de experienciar o mundo, enfim, a potência narrativa de nossos modos de transmitir conhecimento. As/os personagens quebram a formalidade da escrita acadêmica, sendo em alguns momentos o alterego do/a pesquisador/a. "Ele/a próprio/a tornar-se-á testemunha de testemunhas, sendo sua própria pesquisa um dispositivo para fazer falar e dar a ver aquilo que ficou entalado em muitas gargantas" (FONSECA et al., 2015, p. 228). Em outros momentos, as/ os personagens servem de espaço projetivo para nossas formas de objetificar e/ou exotificar os/as outros/as desde a perspectiva alterocida[6] (MBEMBE, 2018) da modernidade-colonialidade. A pergunta disparadora da leitura promove uma experiência dialógica similar a um jogo cujo objetivo é tornar mais nítidas para nós mesmos as regras implícitas e explícitas que organizam nossos regimes de especulação do mundo, ou seja, os limites da nossa própria capacidade de imaginar. Trata-se de um jogo de articulação da identificação alter egóica com as projeções próprias da branquitude (BENTO 2002; MBEMBE, 2018).

A figuração, o modo como os/as personagens são constituídos/as, marca neste texto a problematização do corpo com suas dores e privilégios: promove experiências que nos fazem questionar, baseada nas estruturas racistas ligadas à colonialidade e aos sistemas de dominação, como a supremacia branca (hooks, 2019): a que cor pertence esse corpo? Que experiências o/a personagem carrega consigo a partir de um corpo racializado? Se você pudesse dar vida para esse/a personagem, que cor você atribuiria a ele/a? Que cor você considera que os/as personagens dessas cenas seriam representados em novelas, filmes ou seriados na televisão? Desta forma, o objetivo do

5 Afetação pode ser compreendida enquanto uma ação que nos desloca do lugar que estamos, ou seja, que nos afeta, que nos move, que transforma de alguma forma o modo de existirmos (pensarmos, desejarmos, fazermos, sentirmos). Quando falamos "afetação sensível", estamos dando visibilidade a um certo modo desta afetação que opera intimamente em nosso campo da experiência, campo sensível, ou seja, da estética, aquele campo que mexe em nossas percepções, emoções, sensações, etc. Assim, um exemplo de afetação sensível seria a experiência de, ao escutarmos uma música que versa sobre um certo sentimento, nos tornarmos capazes, a partir de então, de experienciar tal afeto de outro modo, já que o modo como a referida canção nos afetou transformou nossa própria capacidade de sermos afetados pelas nossas experiências posteriores. Deste modo, as pessoas que produziram a obra de arte em questão a partir de suas experiências, fizeram com que fôssemos contagiados por tal forma de experienciar o mundo, ampliando-complexificando nossa própria potência de experienciar.

6 A perspectiva alterocida foi condição fundamental para a instalação da modernidade-colonialidade ao promover a possibilidade de aniquilar com violência extrema os povos "não europeus": a dinâmica alterocida é aquela pela qual não apenas as "diferenças" são sempre uma característica de um "outro", como, para além disso, produz-se uma hierarquização que crescentemente objetualiza-exotifica aquelas/es que são mais "diferentes" quando comparados com as réguas eurocentradas da lógica colonial. Assim, quanto mais algum modo de viver está para além dos esquadros coloniais, mais tal modo de vida e suas pessoas se tornam alvo de práticas de aniquilação da sua cultura e dos seus corpos.

texto toma corpo através de um jogo de cena/dispositivo tensionando o imaginário da branquitude e suas imagens de controle, estereótipos, infâmias e outras formas de outridade (KILOMBA, 2019a) objetificadoras, exotificadoras ou, até mesmo, aniquiladoras (MBEMBE, 2018). Isto posto, que cor esse/a personagem tem?

2. QUE COR ESSE/A PERSONAGEM TEM?

2.1. Que cor esse/a personagem tem?

Desce do carro. Liga o alarme. Caminha em direção à porta que está a uns duzentos metros de distância do seu corpo, diminuindo a distância conforme seus passos avançam. Está com o rosto conectado a uma tela de celular que ilumina sua face. Passa pela porta de sensor, se coloca em uma rampa rolante que leva seu corpo ao segundo andar. Entra no mercado, distraído. Pega um carrinho de compras e segue pelo corredor dos enlatados. Coloca um enlatado de sardinhas no carrinho e segue para o corredor de massas. Percebe sutilmente que tem um segurança que lhe está fixando os olhos e acompanhando seus passos. Pega a massa com ovos e coloca no carrinho, seguindo para seção de frios. Percebe que a perseguição no mercado não é mais tão sutil assim. Pega trezentos gramas de queijo e segue para o corredor dos refrigerantes. Chegando lá, percebe que tem um segundo segurança que está lhe fitando os olhos. Este, então, está conversando com alguém pelo rádio comunicador fazendo altos ruídos. Pega o refrigerante, se dirige ao caixa. Esquece alguns outros produtos que estava pensando em levar, não se recorda mais o que era. Pensa qual outro mercado tem no seu caminho de casa, talvez consiga pegar as coisas que faltaram lá. Paga suas compras. Faz o mesmo trajeto que fez para chegar ao mercado até seu carro. Segue a vida.

2.2 Que cor esse/a personagem tem?

Caminha. Pega o primeiro ônibus. Desce, caminha mais um pouco. Pega o segundo ônibus, uma hora e doze minutos em pé. Desce, caminha até o vigésimo prédio da rua. Aperta o interfone, passa o portão do prédio e faz a volta por fora para entrar pelos fundos. Aperta o botão do elevador de serviço, aperta o botão do oitavo andar. Sobe. Entra pela porta da cozinha. Coloca uma roupa toda branca, amarra bem o cabelo. Quer urinar, desce até o primeiro andar para fazer xixi no banheiro que lhe é designado e que divide com o porteiro. Sobe. Limpa chão. Limpa vidro. Faz comida. Cuida de criança. Leva a criança na pracinha. Sai pra passear com o cachorro. Limpa cocô de cachorro. Faz a criança dormir. Dá comida pra criança. Brinca com a criança. Dá banho na criança. Faz supermercado para a patroa. Lava roupa. Faz comida. Serve patrão. Serve patroa. Limpa chão. Limpa vidro. Limpa louça. Limpa banheiro. Limpa bibelô. Tira a roupa branca. Sai pela cozinha. Faz a volta pelos fundos para sair na entrada do edifício. Caminha. Pega ônibus, caminha mais um pouco. Pega outro ônibus. Sobe o morro.

2.3 Que cor esse/a personagem tem?

Depois de um dia trabalhando na casa de patrão e patroa, cuidando daquelas crianças e daquele cachorro, horas de condução no coletivo apertado e em pé tendo que, ainda, subir o morro caminhando porque os ônibus só circulam no asfalto, chego

Raído, Dourados, MS | ISSN 1984-4018 | v. 15 | n. 37 | p. 258 – 275 | jan/abr 2021

finalmente em casa. A minha filha mais velha já botou as cria mais nova pra dormir. Eu chego cansada e coloco meus pés pra cima por uns vinte minutos, antes disso eu já coloco as roupas de molho na bacia pra daqui a pouco ir lá esfregar aquelas merdas. Eu não deixo a minha filha mais velha, de treze anos, mexer com panela de pressão, então, uma vez por semana tenho que fazer o feijão pra semana. Ela me ajuda bastante, mas agora tá entrando nessa tal adolescência que só quer ficar no celular e de fone de ouvido. Quando chego às vezes tá tudo bagunçado e lá vou eu arrumar tudo depois do trabalho. Tem dias que eu só quero chegar e dormir, eu venho com esse pensamento no trajeto do ônibus, mas é só botar o pé em casa que tem mil coisas para fazer. No final eu não durmo, eu desmaio e acordo às cinco e meia pra mais um dia de cão. Minhas pernas tem dias que estão mais roxas que uma berinjela. Aí tu pensa: "chega final de semana ela descansa", que nada! Chega final de semana é as crianças brigando, essa casa toda desmantelada que tenho que arrumar e ainda implorar pensão pro pai dessas cria que nem vem visitar elas. Eu já disse para aquele desgraçado, se tu não me pagar vou te colocar no xilindró, vagabundo! Se tem uma coisa que essa justiça injusta faz nesse país, é colocar esses vagabundo na cadeia. O meu filho do meio vive recebendo bilhete da escola, quando eu chego já tá dormindo, não tenho nem como dá um laço nele de cinto pra botar no rumo certo. Dia de chuva é um inferno, chove mais aqui dentro do que lá fora. Faz tempo que não consigo fazer a minha fé na loteria pra ver se Deus dá um jeito de olhar pra essa infeliz aqui. Se eu chego a ganhar esse tanto de dinheiro, faço um churrascão pro morro inteiro com cerveja liberada pra todo mundo, mas às vezes to cansada demais até pra sonhar. Enfim, vou dormir antes que aquele maldito despertador comece a gritar.

2.4 Que cor esse/a personagem tem?

Acorda. Toma banho. Faz café preto, coloca na caneca. Coloca paletó e gravata. Toma o café. Escova os dentes. Põe comida e água para o cachorro. Sai do apartamento e fecha a porta com chave. Entra no elevador. Desce no estacionamento. Entra no seu carro, abre o teto solar. Liga o rádio. Dirige cerca de vinte minutos até chegar no estacionamento do hospital. Despede-se do seu carro, sobe três lances de escada e chega no Centro Cirúrgico, passa seu crachá no ponto eletrônico. Inicia uma jornada de trabalho. Pacientes, cirurgia, discussão de caso, café, pacientes, consultas… Final da jornada, encerra o expediente passando seu crachá pelo ponto eletrônico. Entra no seu carro, coloca música em som ambiente, dirigindo por cerca de dez minutos até chegar na academia. Faz uma série de exercícios, se direciona novamente ao seu carro, agora indo para casa, mas no caminho passa em local com *drive thru* e pede uma salada, frango e batata doce. Chega no prédio, passa reto pelo porteiro, se direciona ao estacionamento. Junta tudo do carro e sobe no elevador apertando o botão cobertura para chegar no seu apartamento.

2.5 Que cor esse/a personagem tem?

Primeira vez no cinema. Nunca tinha ido antes, mas conhecia o *shopping* já. Sempre que sua mãe tinha que pagar uma conta na lotérica, ia especialmente na do *shopping* pra todo mundo poder tomar um sorvete do Méqui. Primeira vez no cinema. Data que não era especial só pelo fato de ir no cinema pela primeira vez, tinha algo muito maior.

Tinha algo que a infância ainda não tinha lhe apresentado, aquele era o seu momento! O seu rosto tinha um sorriso repleto de ansiedade, olhos nervosos fitados nos cartazes do filme que o cercava na fila para adentrar a sala de cinema. Sua mão agarrava o ingresso com todas as forças, como se ali estivesse o bilhete para o encontro consigo mesmo, e estava. O momento acontece, foram duas horas e quinze minutos de encontro reparatório com sua identidade, com sua infância, dia em que encontrou o herói de sua cor, o Pantera Negra.

2.6 Que cor esse/a personagem tem?

A mala está pronta, estourando o zíper de casacos de frio. Aqui no Brasil, o suor pinga no rosto sem muito esforço. Pega o celular, abre o aplicativo, chama um carro. Sai de casa, passa a chave, nem olha pra trás. Desce de elevador os cinco andares que dividem sua casa do asfalto. Coloca sua mala de porte médio no porta-malas do carro. De fones de ouvido, confirma o trajeto: aeroporto. Lembrou da última vez que foi para Barcelona, onde passou três semanas. Feliz porque vai poder passar mais duas semanas lá antes de ir para Berlim, seu lugar favorito da Europa. Sempre que vai, gosta de tirar fotos pelas cidades vizinhas de Berlim, fotos que não são postadas em redes sociais ou qualquer coisa do gênero. São fotos para serem sentidas na alma e guardadas em pastas no computador, mostradas para poucas pessoas. Somente para pessoas que podem entender seus sentimentos.

2.7 Que cor esse/a personagem tem?

Acorda cedo, toma seu café da manhã com banana, iogurte e cereais, finaliza com um suco natural de laranja acompanhado pela sua mãe, pai e irmão mais novo. O dia começou nublado, mas já abriu um baita sol fazendo com que a família ligasse o ar condicionado logo cedo. Terminando o café, cada um toma um rumo até o próximo encontro familiar que é a hora do almoço. Ele tem uma *live* pra fazer da escola, tem que apresentar a redação com o tema quarentena na aula de Português desta semana. Ele faz a *live* no quarto enquanto sua mãe resolve algumas questões do seu trabalho pelo telefone, seu pai passa praticamente o dia todo no escritório trancado, às vezes não sai nem para almoçar. Seu irmão mais novo fica sob os cuidados da Martinha, geralmente brincando na área externa da casa até a hora que ela começa a produzir o almoço. Sua redação foi sobre a frustração que sentiu em não conhecer Londres nas férias de inverno com sua família, contou como isso afetou seu pai que teve um grande prejuízo com a viagem que não aconteceu e não conseguiu ser reembolsado. Entretanto, tem certeza que ano que vem vai poder ir, não vê a hora de conhecer a terra da rainha.

2.8 Que cor esse/a personagem tem?

Chega em casa. Está tudo perfumado, casa limpa. Todos os dias é assim, chega e vai direto tomar um banho relaxante antes de comer uma coisinha saudável. Desta vez ela vai ousar, vai comer seu hambúrguer de grão-de-bico. Conceição deixou tudo preparado, como ela não trabalha no final de semana, deixa as quatro refeições principais prontas na geladeira, só para a patroa esquentar. Conceição é uma bênção, e foi pelos seus dotes que conseguiu a carteira assinada com direito a décimo terceiro, férias e

Raído, Dourados, MS | ISSN 1984-4018 | v. 15 | n. 37 | p. 258 – 275 | jan/abr 2021

tudo. Só porque a patroa já não consegue mais viver sem ela. A patroa até tentou ficar com ela só duas vezes por semana, mas não consegue, precisa de alguém cuidando e se dedicando ao seu lar. Ela não tem filhos, mas quer ter… Sempre brinca que quando tiver uma criança, a Conceição vai ter que morar com ela. Na visão da patroa, Conceição só tem um defeito: não saber ler. Não dá para deixar recados a ela, mas antes era uma tortura, agora Conceição tem celular, dá pra mandar áudio. Conceição é quase da família!

2.9 Que cor esse/a personagem tem?

Primeiro a entrar em uma universidade federal da sua família. Quando saiu seu nome no famoso listão, a favela escreveu seu nome na entrada através de uma faixa com letras garrafais. A felicidade de poder ver um rosto médico da mesma cor do povo marginalizado dava alegria para aquela gente. Foram três dias de samba; sexta, sábado e domingo. O patrão da favela desceu vários engradados de cerveja por conta da casa. Foi festa! Sua família já não tinha mais dente de tanto distribuir sorriso de orelha a orelha para o povo. O orgulho da raça, o primeiro que com certeza ia abrir porta para muitos outros. Como ele mesmo gostava de dizer: "meu corpo é uma bomba, e vou explodir a favela lá dentro, todos vão saber quem somos e para que viemos".

2.10 Que cor esse/a personagem tem?

Abre o email. Anexa o currículo, faz uma apresentação de dar inveja e envia. Não demora muito chega a resposta marcando uma entrevista para o final da semana. Passam os dias, chega a bendita sexta-feira. Se olha no espelho e apresenta nos seus olhos a garra de ter aquela vaga pra si. Chega no escritório, vê mais três pessoas sentadas à direita. Se direciona à secretária que se desconcentra por alguns segundos por encarar aquele rosto, mas solicita que espere a chamada pois a entrevista será coletiva. Todos e todas entram, sentam-se em uma mesa oval em um ambiente amplo e bastante ventilado. As paredes são de vidro, os de dentro olham os de fora, os de fora olham todos de dentro. Tem algo que chama a atenção. Algo que todos olham… Não tem uma pessoa que não passe pelo corredor que não mire aquele cabelo. Aquele cabelo atrai olhares, ele é pra cima, diferente dos outros que estão em volta da mesa, que são pra baixo. Aquele cabelo parece uma coroa, mas nem todos e todas pensam desta forma. Enfim, começa a entrevista. Não há dúvidas de quem tem melhor preparo para assumir a vaga, com certeza o seu currículo se destaca entre todos/as que se encontram naquela sala. A única pessoa que tem fluência em dois idiomas, essa vaga já está no papo, pensou. Entretanto, no final das contas, foi o senhor de paletó risca de giz que ficou com a vaga. Nem todos/as parecem surpresos, o olhar de reprovação e exotificação já dava sinais deste resultado. Isso não é a primeira vez, e talvez não será a última em que isso acontece. Tem algo que não está certo. Enfim, mais uma frustração para a conta.

2.11 Que cor esse/a personagem tem?

O coitado passava fome, a barriga doía. Sempre estava na frente do supermercado da praça do Santo Antônio pedindo umas moedas. Ninguém entendia porque aquele homem tão bonito era morador de rua. Era lindo, seus olhos da cor do céu. Não tinha quem passasse que não sentisse pena. Até que um dia um olheiro de modelo encontrou

o rapaz, e não é que o homem pegou fama? Ex-mendigo, assim o chamavam nas revistas. O danado pegou fama internacional, saiu da rua, deram oportunidade pro moço. Ele era tão lindo, tão lindo. O problema dele era só um banho e um corte de cabelo. Ele com aquela cara de anjo com certeza não usava drogas, porque tem muito morador de rua que usa droga e é bandido. Tem uns que dá até medo de encarar nos olhos. Deus foi muito bom com esse menino, agora tá tendo um futuro de ouro.

2.12 Que cor esse/a personagem tem?

Sala de aula cheia, primeiro semestre de medicina, cadeira de anatomia. O professor vê um rosto novo entre os alunos este ano, um aluno sentado na terceira carteira da segunda fila. Ele olha para o aluno e diz: "você tem cara é de jogador de futebol, não de aluno, o que fazes aqui?!". O aluno muito incomodado com o questionamento responde: "Eu não tenho cara de jogador de futebol, eu tenho cara de médico, é isso que vim fazer aqui, estudar para ser um médico". O professor ficou muito surpreso com a ousadia de ter sido respondido daquela forma. Não escondeu seu descontentamento com a situação. Segue a aula. No final do semestre, o professor mudou a metodologia da avaliação que vinha fazendo há anos, esse ano teve questões de anatomia dissertativa na prova final. O aluno em questão foi o que tirou a nota mais baixa, mesmo tendo respondido semelhante aos outros colegas, a nota dele não foi suficiente para reprovar, mas foi categórica na maneira em que mostrou que ele é diferente sim dos outros colegas e que pra ele não será fácil concluir uma graduação em medicina em uma das universidades mais elitistas do país.

2.13 Que cor esse/a personagem tem?

Condomínio grande. Saiu uma matéria no jornal sobre ele mês passado, saiu que o condomínio é tão grande, mas tão grande que tem mais habitantes que muitas cidades aqui do estado. Ele é completo, tem quadras de esporte, academia, piscinas (inclusive térmica), estacionamento para todos os apartamentos, tem até mercadinho e padaria na área comercial. Isso é uma loucura, ter padaria e mercadinho, tu praticamente não precisa sair de casa. Na quarentena, estava tendo *shows* no centro das torres. Os moradores olhavam da janela, batiam palmas, era uma loucura. Todos os finais de semana tinha *show* por lá. Eu tenho uma amiga que mora por lá, e ela me relatou que na experiência dela, o condomínio é de fato uma bolha. Ela sente que o espírito de vizinhança é de fato surpreendente, mas conta que sempre teve dificuldades de se integrar. No início ela achou que era pelo fato de ser solteira e morar sozinha, mas aos poucos foi entendendo que não era bem isso. Ela não tem carro, então costuma passar pela portaria sempre e, muitas dessas vezes, as pessoas perguntam quem ela vai visitar, nunca olham pra ela como uma moradora. Ela contou que um dia chegou a ter que mostrar a identidade para entrar no condomínio dela. Ela disse que quando sai pra correr fora do condomínio, se sente obrigada a levar a identidade com medo de não entrar na sua própria casa.

2.14 Que cor esse/a personagem tem?

Um dia de muita dor, muita dor no corpo. Liga para a irmã, pede pra que ela chegue urgente na sua casa. Deita no sofá, espera, espera, espera poucos minutos,

Raído, Dourados, MS | ISSN 1984-4018 | v. 15 | n. 37 | p. 258 – 275 | jan/abr 2021

mas que parecia uma eternidade. Sua irmã chega, ela quase não conseguindo falar, diz que está sem ar. Sua irmã grita para um vizinho, grita desesperadamente por alguém. Não demora muito, tem um carro na frente da sua casa que leva em direção ao hospital mais próximo. Ela entra, senta no primeiro banco de cor verde que fazia parte do ambiente. Sua irmã corre na recepção, enquanto técnicos de enfermagem a socorrem. Neste momento, passa o médico, ela com olhos arregalados tenta gritar: "Eu não consigo respirar", mas falta fôlego para tal ação. O médico olha, passa os olhos e diz ser uma crise de ansiedade, que atenderia casos mais graves e que logo seria a vez dela. Dois dias depois, ela volta ao hospital com um quadro infeccioso mais grave, sendo necessário ser entubada e usar ventilador mecânico. Entretanto, o atraso de dois dias no diagnóstico resultou em mais um óbito por coronavírus, COVID-19, no país.

2.15 Que cor esse/a personagem tem?

Trabalha há vinte anos na televisão em uma das principais emissoras do país. Ganhou uma bolsa em uma escola de teatro cinco anos antes, após destacar um talento ímpar na dramaturgia. Foi convidado para uma novela, novela de época. Seu papel foi de um escravizado ambientado na década de 1820. Depois desse papel ele foi convidado diversas vezes para fazer outros papéis secundários em novelas interpretando personagens de bandido, traficante, assaltante, escravo, borracheiro, pedreiro, gari e garçom. Nunca foi bem remunerado em seus trabalhos, ainda espera ser convidado para interpretar um grande papel na sua carreira, sabe que só lhe falta uma oportunidade, somente uma oportunidade para mostrar o seu talento.

2.15 Que cor esse/a personagem tem?

Está correndo pelo bairro com seu blusão de capuz, calça de moletom, e aquele tênis que brilha quando encontra a luz. Corre sem nenhuma preocupação. Corre porque a corrida reduz o peso corporal. Corre porque melhora o nível de colesterol. Corre porque aumenta a capacidade cardiorrespiratória. Corre porque reduz os riscos de infarto. Corre porque aumenta a massa muscular. Corre porque reduz a variação da pressão arterial de repouso. Corre porque ativa a circulação sanguínea, diminuindo problemas do coração. Corre porque melhora a qualidade do sono. Corre porque estimula a formação de massa óssea ajudando a prevenir lesões como a osteoporose. Corre porque melhora a autoestima. Corre porque aumenta o condicionamento físico. Corre porque proporciona sensação de bem-estar, diminui o estresse e contribui na melhora de sintomas depressivos. Corre porque pode correr. Corre porque a polícia não tem seu corpo como alvo. Corre porque no seu bairro não tem paredão.

2.16 Que cor esse/a personagem tem?

Gargalhadas, mais gargalhadas. Esse dia está preso na cabeça de alguém ainda, alguém que não consegue superar aquela atividade da terceira série. A escola costuma ser traumatizante para algumas crianças. Além de rirem do cabelo, rirem das roupas, elas ainda riem de coisas que tu não consegue entender, coisas que estão fora do teu alcance. Bom, a professora pediu pra cada um levar uma cópia da sua certidão de

nascimento para a construção da árvore genealógica de cada aluno. Aquela era a única criança que não tinha paternidade na certidão, ela era a única que não sabia quem era seu pai. Nunca teve coragem de perguntar pra sua mãe, viveu sua vida com hiatos, espaços sem respostas. Isso doía, mas era fácil de ser ignorado, mas quando todos te apontam e riem, é mais difícil. Assim foi um dos piores dias da sua vida inteira. O filho do zé-ninguém.

2.17 Que cor esse/a personagem tem?

Primeira vez na casa dos pais do namorado. Ela já estava insegura de ir na casa deles, esse foi um dos motivos dela adiar por tanto tempo esse momento. Ela sabia que esse encontro não ia ser fácil. Quando conheceu seu namorado morava em uma pensão de moças, trabalhava de garçonete de noite e fazia curso técnico em enfermagem pela manhã. Ele já era formado em publicidade, com emprego estável e com sua casa própria. O maior receio dela é por a família dele ser muito conservadora, se já sentia algumas questões com o próprio namorado em relação a diversos privilégios que ele não conseguia entender, ficava insegura de pensar como seria com a família dele. No final das contas, superficialmente o jantar foi tranquilo, mas em vários momentos ela teve que ignorar episódios, rindo e fingindo demência para não estragar a noite. Um deles foi quando a mãe falou que o cabelo dela ficaria muito melhor se fosse liso de progressiva, cabelo crespo chama muita atenção. Ela também perguntou como era colocar a touca no hospital no centro cirúrgico com aquele cabelo, quis tocar várias vezes para saber como era a "textura", chegou até a perguntar se ela tinha facilidade de pegar piolho. Um jantar baseado em constrangimento.

2.18 Que cor esse/a personagem tem?

Dono de três lojas no centro da cidade de suplementos alimentares e duas academias na zona sul. Tem uma vida de homem de negócios bem ativa, daqueles empresários boa pinta que sempre têm frases de motivação para os seus funcionários. Ele sabe que quem quer chegar lá, não pode ter esses discursinhos de coitadismo. Ele tem um faturamento mensal de trezentos mil reais por mês, totalizando cerca cinquenta funcionários em todos os seus negócios. Na pandemia teve que fechar as lojas e academias por um mês, cortou tudo que podia cortar dos funcionários para não ter muitas despesas. Retornou com seu negócio após um mês tendo que mandar embora alguns já que o movimento ia diminuir mesmo. Depois de um tempo teve que fechar novamente, episódio que o deixou muito revoltado, se sentido obrigado a fazer passeatas pela cidade pela volta do comércio. Lá foi ele, metido a ativista com a bandeira do Brasil e sua Lamborghini protestar pela abertura do comércio. O Brasil não pode parar!!! Entretanto, essa foi uma das únicas vezes que saiu de casa, saiu para protestar. Tem os gerentes de loja e da academia tomando conta dos estabelecimentos, como ele sempre fala, "esse é o momento de vocês se destacarem". Na sua casa, quem faz as compras é a sua empregada doméstica (que está morando no serviço durante a pandemia para não trazer o vírus da rua), faz tudo que precisa pela *internet*: reuniões, transações financeiras e compras. Defende que a hidroxicloroquina é o melhor remédio para combater a pandemia, mas quando questionado se tomaria, diz que não por conta dos efeitos colaterais. O Brasil não pode parar!!!

Raído, Dourados, MS | ISSN 1984-4018 | v. 15 | n. 37 | p. 258 – 275 | jan/abr 2021

2.19 Que cor esse/a personagem tem?

Psicólogo, atualmente professor universitário, cinquenta e sete anos, casado, pai de duas filhas, sendo a mais velha advogada e a segunda prestando vestibular para medicina. Tem mestrado na Universidade Yale em New Haven, Connecticut, doutorado na Universidade de São Paulo - a famosa USP, com estágio de doutoramento sanduíche na École des Hautes Études en Sciences Sociales na França e pós-doutorado na Université Laval em Québec, Canadá. Fala fluentemente inglês, espanhol, francês e italiano. Falando em italiano, tenta visitar seus parentes na Itália com sua família ao menos uma vez por ano. Ama a arte, tem como seu passatempo mais valioso visitar museus. É admirador de uma boa culinária, ama viajar e conhecer a cultura pelo paladar. Apesar de ter tido grandes oportunidades na vida, reconhece que tudo que conquistou foi por seu mérito.

2.20 Que cor esse/a personagem tem?

Viagem longa, quinze horas de vôo. Já é a segunda vez que vai ao continente africano. A primeira vez rendeu muitos *likes* em sua conta na rede social do Instagram. Foram muitos elogios, pois não é qualquer um/a que tem coragem de ir a um lugar tão selvagem. Ela de fato é muito corajosa… Tem que ter uma alma muito boa para ir fazer missões humanitárias em países como Gana, Quênia, Uganda, Moçambique, Angola e outros. A pessoa volta agradecendo por ter sua vida e não uma tão miserável como daquelas pessoas. Volta dizendo como esse intercâmbio a fez ver as coisas mais simples da sua vida, como começou a dar valor a tudo que tem… Recomenda para suas amigas do pilates, para sua terapeuta, para seus colegas da empresa do seu pai onde é CEO. Realmente, é uma experiência incrível!

2.21 Que cor esse/a personagem tem?

Travesti, siliconada, maquiada, feminina, poderosa, alta, estranha, cabelão crespo, abusada, com sua mini-saia e decotão. O que é bonito, tem que se mostrar! Os peitos foram muito caros pra tá guardado! Tem que mostrar mesmo! Não vive sem um salto, é daquelas que quando fala, todos param pra ouvir. Ela é daquelas que quando passa, os pais tapam os olhos dos filhos, e ela dá risada! Ela trabalha na noite, turno das sete da noite às sete da manhã. Trabalha mandando, toma conta do pedaço. Atitude é o nome dela. A mana sai acabada depois de uma noite babadeira de trabalho, matando um leão por minuto! Tem seu próprio carro a bonita, desce fazendo carão pra bater o ponto. Por muito tempo fez dupla jornada, trabalhava de noite e de dia, dormia quando dava. Ela sempre dizia, bora fazer acué e intelecto enquanto o peito ainda tá de pé! Ela é enfermeira, trabalha uma noite sim outra não, com plantões de doze horas. Tá no mestrado, não esquece que quem colocou ela na universidade foi a cor. Ela foi da primeira turma de cotas do Brasil. Ela quer ser doutora, ela vai ser doutora. Não é fácil trabalhar com tudo que seu corpo representa, não é fácil estudar em um lugar em que seu corpo é diariamente rejeitado pelas intersecções que o marcam, mas segue sonhando e lutando.

2.22 Que cor esse/a personagem tem?

Está em casa, estudando para a prova de matemática que vai ter no terceiro período de quarta-feira. Ele tem muita dificuldade com matemática, para ir bem na prova

tem que estudar muito mesmo. Exatas realmente não é seu forte, gosta mesmo é de ler… Enxerga potência nas histórias, acredita que são elas que mudam o mundo, não uma Báskara ou encontrar o valor do X. Ele tá de boa, tirando a média, tá tranquilo pra passar. Ele quer ser professor de História, esse sim é seu futuro. Outras matérias que ele odeia são Química e Física, não entende porque tem que estudar isso tudo pra ser professor de História. Outra matéria que ele ama é Literatura. Cara, ele ama Literatura! Não aceita tirar menos de dez em Literatura e História na escola. Opa, começou um tiroteio no meio da hora que ele tava achando o valor do X. Os barulhos de tiro parecem cada vez mais perto. Ele leva as mãos no ouvido e deita no chão do seu barraco. Chute na porta, um policial mira sua bazuca nele. FIM!

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Questionar a cor dos/as personagens para o/a leitor/a se caracterizou, neste texto, como um exercício do campo problemático em tornar nítidas as operações de projeção próprias das especulações elaboradas em um imaginário delimitado pelas lógicas coloniais da branquitude no cenário brasileiro e suas imagens de controle. Entendendo, então, imagens de controle como dimensão ideológica do racismo e sexismo que são utilizadas pelos grupos dominantes com o objetivo de perpetuar padrões de violência e dominação, mantendo o poder que lhe é constituído historicamente. Desta forma, tais imagens se diferenciam das noções de representação e estereótipo a partir da forma com que a mesmas são manipuladas dentro dos sistemas de poder articulados interseccionalmente por raça, classe, gênero e sexualidade (COLLINS, 2019; BUENO, 2020).

Quando nos atentamos para o conceito de imagens de controle, nos referimos a uma ferramenta de análise para compreender, por exemplo, os mecanismos que levam jornalistas brancos/as a denominarem uma pessoa negra como "traficante" e uma pessoa branca como "jovem" em suas manchetes quando ambos estão envolvidos com práticas de conflitos com a lei. Imagens de Controle estão presentes até mesmo nos gestos e afetos cotidianos: por exemplo, no olhar do branco em que os corpos negros devem ser perseguidos e vigiados no mercado, nas ruas, nos ambientes de destaque na nossa sociedade até a morte, seja ela real ou simbólica. Imagens de controle estão saturadas no dia a dia das pessoas negras, mesmo que a branquitude constantemente negue a estrutura racista que se reitera constantemente pela universalização da posição branca como ponto de referência e medida para todas as demais. Se trata de uma negação ao exercício de racializar a si mesmo e perceber que a pessoa branca fala desde um lugar delimitado por sua condição racial. Em caso recente, por exemplo, uma intelectual branca brasileira saiu em defesa de uma colega sua que havia sido criticada por externar juízos sobre uma obra cinematográfica afrofuturista: para tanto, utilizou o argumento da defesa da livre circulação da palavra, sem nem ao menos perceber as inúmeras restrições tanto à fala quanto à escuta colocadas pelos marcadores de raça, classe, gênero e sexualidade.

A fabulação, aqui, tem a premissa de deslocar, assim, a negação que sustenta esta pretensa universalidade-neutralidade da branquitude, tentando isentá-la do sistema racista o qual reitera e usufrui: Grada Kilomba (2016) aponta este fenômeno para uma recusa que, no racismo, é usada para manter e legitimar estruturas violentas de exclusão racial, caminho pelo qual o sujeito branco se valida da sua figura universal

Raído, Dourados, MS | ISSN 1984-4018 | v. 15 | n. 37 | p. 258 – 275 | jan/abr 2021

para apontar o sujeito negro como o que está ali para roubar o que é seu, inclusive do protagonismo de falar sobre o corpo negro.

O deslocamento das imagens de controle da branquitude permitem a racialização desta posição, retirando-a da centralidade na qual foi colocada pela modernidade-colonialidade. Trata-se, como podemos ver explícito em Grada Kilomba (2019a), de uma intervenção clínico-política que deve ultrapassar o pressuposto de uma mera "conscientização" intelectiva, pois tal racialização de si permeia não apenas os pensamentos, mas o modo pelo qual afetamos e somos afetados pelo mundo. Assim, os fragmentos narrativos aqui apresentados se constituem como um dispositivo que pode promover intervenções coletivas e/ ou individuais na busca desta transformação do campo de afetações de um sujeito, tanto no que se refere à explicitação e deslocamento das imagens de controle da nossa cultura, quanto, no caso das pessoas brancas, do processo de assunção da racialização de si e participação no sistema racista.

As narrativas, em seu jogo dialógico que solicita ao leitor/a posicionar-se, especular pelo seu corpo, em meio à leitura, visa produzir um incômodo no sujeito com seu próprio imaginário, com sua participação nas imagens de controle. Falamos, assim, de uma intervenção que tensiona os modos hegemônicos de organizar nosso campo sensível, nossos modos de narrar a nós mesmos e nosso mundo, pois, como diz Conceição Evaristo acerca das escrevivências: "Nós não escrevemos para adormecer os da casa-grande, pelo contrário, é para acordá-los dos seus sonos injustos" (EVARISTO, 2017, s/p).

Na construção de uma sociedade mais democrática, igualitária e antirracista, como nos convoca Sueli Carneiro, "[a] desconstrução da brancura como ideal de ego da sociedade é imperativo para a libertação e cura de todos: negros, brancos, indígenas, orientais. E talvez nisso resida o papel mais estratégico que os psicólogos têm a cumprir" (2011, p. 81). É com esse princípio que compactuamos ao oferecer o conjunto de fragmentos literários aqui apresentados. Eles constituem um dispositivo de intervenção que visa promover tanto o exercício ético individual quanto coletivo para produção de práticas antirracistas por meio de oficinas nas quais as narrativas podem ser lidas e as especulações sobre a cor dos/das personagens compartilhadas em grupo. Tal intervenção serve para diferentes contextos (educação, assistência, saúde, trabalho) como disparador de processos de deslocamento da negação própria do pacto narcísico da branquitude (BENTO, 2002), tornando nítidas as linhas que constituem a branquitude e algumas das suas imagens de controle para, então, por meio do aprendizado e produção de uma escuta sensível e racializada, possibilitar o incremento e complexificação da resistência às suas operações racistas. Como nos mostra Kilomba (2019b), é preciso lançar um contrafeitiço às imagens e à política profundamente narcisistas de uma sociedade que restringe o mundo à imagem refletida no espelho da branquitude. Uma sociedade narcisista "*branca* patriarcal/na qual todos/ nós vivemos,/ que é fixada/ em si própria/ e na reprodução/ da sua própria imagem,/tornando todos os outros/ invisíveis" (KILOMBA, 2019b, p. 19, grifo da autora).

REFERÊNCIAS

ACHEBE, Chinua. A literatura africana como restabelecimento da celebração. *In:* **A educação de uma criança sob o protetorado britânico**. São Paulo: 2012. p. 111-125.

ALBUQUERQUE, Alana Soares; PALAZUELOS, Felix Rebolledo; TREVIZANI, Tiago Marcelo. Imagem e Ficção na Produção de Conhecimento em Psicologia Social. **Rev. Polis Psique**, Porto Alegre, v. 7, n. 2, p. 88-105, ago. 2017.

ALMEIDA, Silvio Luiz de. **Racismo Estrutural**. São Paulo: Pólen, 2019.

ARTAUD, Antonin. **O Teatro e seu Duplo**. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

BENTO, M. A. S. Branqueamento e Branquitude no Brasil. *In:* CARONE, I. BENTO; M. A. S. **Psicologia social do racismo** - estudos sobre branquitude e branqueamento no Brasil. Petrópolis-RJ: Vozes, 2002, p. 25-58.

BOAL, Augusto. **Teatro do Oprimido e outras estéticas políticas**. Rio de Janeiro: Ed. Civilização Brasileira, 1991.

BUENO, Winnie. **Imagens de Controle**: Um conceito do pensamento de Patricia Hill Collins. Porto Alegre: Zouk, 2020.

CARNEIRO, Sueli. **Racismo, sexismo e desigualdade no Brasil**. São Paulo: Selo Negro, 2011.

COLLINS, Patricia Hill. **Pensamento Feminista Negro**: conhecimento, consciência e a política do empoderamento. Tradução Jamille Pinheiro Dias. 1ª ed. São Paulo: Editora Boitempo, 2019.

COSTA, Luis Artur. O corpo das nuvens: o uso da ficção na Psicologia Social. **Fractal, Rev. Psicol.**, Rio de Janeiro, v. 26, n. spe, p. 551-576, 2014.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil Platôs, vol. 5**. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1997

DIEHL, Rafael; MARASCHIN, Cleci; TITTONI, Jaqueline. Ferramentas para uma psicologia social. **Psicologia em Estudo**, Maringá, v. 11, n. 2, p. 407-415, ago. 2006.

EVARISTO, Conceição. **Entrevista concedida à Estação Plural** - TV Brasil. Brasília, 2017. 52 minutos. Disponível em: <https://tvbrasil.ebc.com.br/estacao-plural/2017/06/escritora-conceicao-evaristo-e-convidada-do-estacao-plural>. Acesso em: 4 mar. 2021.

FANON, Franz. **Pele negra, máscaras brancas**. Salvador: EDFUBA, 2008.

FONSECA, Tania Mara Galli; COSTA, Luis Artur; FILHO, Carlos Antônio Cardoso; GARAVELO, Leonardo Martins Costa. Narrativas das infâmias: um pouco de possível para a subjetivação contemporânea. **Athenea Digital**, Barcelona, n. 1, p. 225-247, 2015.

GONZALEZ, Lélia. Racismo e sexismo na cultura brasileira. *In:* **Por um feminismo afro-latino-americano**: ensaios, intervenções e diálogos. Rio de Janeiro: Zahar, 2020, p. 75-93.

____. A categoria político-cultural de amefricanidade. *In:* **Por um feminismo afro-latino-americano**: ensaios, intervenções e diálogos. Rio de Janeiro: Zahar, 2020, p. 127-138.

GROSFOGUEL, Ramón. A estrutura do conhecimento nas universidades ocidentalizadas: racismo/sexismo epistêmico e os quatro genocídios/epistemicídios do longo século XVI. **Sociedade e Estado**, v. 31, n. 1, p. 25-49, 2016.

Raído, Dourados, MS | ISSN 1984-4018 | v. 15 | n. 37 | p. 258 – 275 | jan/abr 2021

HOOKS, b. **Olhares negros**: raça e representação. São Paulo: Elefante, 2019.

JESUS, Maria Carolina de. **Quarto de despejo**: diário de uma favelada. São Paulo: Ática, 2014.

KILOMBA, Grada. **Descolonizando o conhecimento** – Uma Palestra-Performance. Trdução de J. Oliveira. 2016. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/descolonizando-oconhecimento-uma-palestra/>. Acesso em: 5 dez. 2020.

____. **Memórias da plantação**: episódios de racismo cotidiano. Local de publicação: Editora Cobogó, 2019a.

____. **Desobediências poéticas**. Curadoria, Jochen Volz e Valéria Piccoli. São Paulo: Pinacoteca de São Paulo, 2019b.

MBEMBE, Achille. **Crítica da razão negra**. São Paulo: N-1, 2018.

NASCIMENTO, Abdias do. Teatro Experimental do Negro: trajetória e reflexões. **Estudos Avançados**, São Paulo, v. 18, n. 50, p. 209-224, abr. 2004.

PESSOA, Monica. "Existe um segredo entre nós": a trajetória do Djéli Toumani Kouyaté. **História Oral**, v. 22, n. 1, p. 288-319, jan./jun. 2019.

ROSE, Nikolas. Psicologia como uma ciência social. **Psicologia & Sociedade**, v. 20, n. 2, p. 155-164, 2008.

SANTOS, Toni Edson Costa. Negros pingos nos "ís": Djéli na África Ocidental; griô como transcriação e oralidade como um pilar da possível cena negra. **Urdimento**, v.1, n. 24, . 157-173, jul. 2015.

SILVA, Celso Sisto. Do griô ao vovô: o contador de histórias tradicional africano e suas representações na literatura infantil. **Nau literária**, vol. 9, n. 2, Voz e Interculturalidade, jan/jun 2013.

SILVA, Paulo Vinicius Baptista da. Literatura oral afro-brasileira e alteridade. *In:* FERREIRA, A. J., (org). **Relações étnicoraciais, de gênero e sexualidade**: perspectivas contemporâneas [online]. Ponta Grossa: Editora UEPG, 2014.

SILVA, Rosane Neves da. Notas para uma genealogia da Psicologia Social. **Psicologia & Sociedade**, Porto Alegre, v. 16, n. 2, p. 12-19, ago. 2004.

SODRÉ, Muniz. **O terreiro e a cidade**: a forma social negro-brasileira. Rio de Janeiro: Imago, 2002.

Recebido em 29/03/2021
Aprovado em 02/08/2021